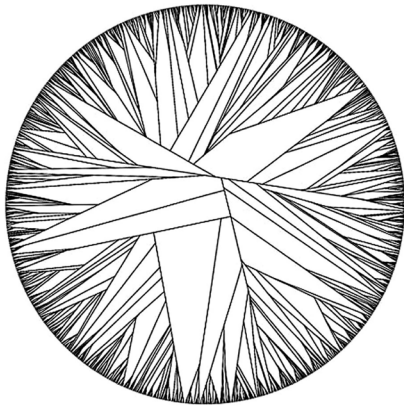




TERRA DE RUDÁ



# TERRA DE RUDÁ

RUDÁ: deus do amor na mitologia tupi-guarani.

TERRA: substrato que alimenta, acolhe e socializa.

## Sumário

1. Os Caminhos da Fé	9
2. A Mística do Ato	14
2.1. Algumas Premissas	14
2.2. Ritos de Alinhamento, Recordação, Entrega e Deleite	17
2.3. Olhares Possíveis Através das Frestas das Aparências	17
2.4. Fundamentos do Ato	24
2.5. Instrumentos de Chegada ao Presente	24
2.6. Alguma Estrutura de Convívio	25

**C**erta vez perguntaram a um velho homem:  
– o que é orar?  
O velho parou, olhou nos olhos de quem o  
havia perguntado, respirou profundamente e seguiu  
caminho...

**T**erra de Rudá é um grupo de mulheres e  
homens que têm na psique, no pensamento,  
na criação e no inefável, um campo de-  
vassado ao Ser. Processos pessoais são partilhados e  
buscamos o deslocamento de certezas fáceis para os  
territórios do risco. Sentir, pensar, discernir e atuar  
nos empurram aos limites de nossa própria história.

Em tempos de urgência de usufruto procuramos  
intervir no esconderijo do senso comum trazendo à tona  
aquilo que é da ordem do singular, do Real e, portanto, do  
extraordinário.



**F**elicidade: esse misterioso objeto do desejo. Minhas escolhas me trouxeram até aqui. O que eu fiz da minha história tornou-me o que sou ou, pelo menos, o que penso ser. Apesar disso, sinto uma falta. Sou algo mais do que aquilo que me reconheço. Como transpor os limites do meu medo em tornar-me aquilo para o qual nasci? Que referências poderão conduzir-me além do meu passado, além da minha educação, muito além de mim mesmo? Há um processo. Há um olhar. Há uma tentativa de recriar-me.

O que veremos adiante são algumas proposições introdutórias que a **Terra de Rudá** vem empreendendo ao longo de alguns anos, no esforço em aproximar teoria e prática. Difícil caminho a exigir-nos disponibilidade, experimentação e perguntas sem fim.

Afinal, se fomos nós que construímos nossas pegadas, podemos reconstruí-las através de outros passos.





# 1 Os Caminhos da Fé

Uma breve história do medo em idealizar certezas

- Tempos imemoriais. O temor do desconhecido levou-nos a um estado constante de insegurança e desamparo. Por que tudo isso? ... nascimentos, doenças, mortes, cataclismos... O que há por trás dessa profunda noite escura? Fogueiras no céu apontam a imensidão. Por que a natureza se levanta contra nós? Como nos proteger dos ataques de animais selvagens? (Estamos no Paleolítico – 2,5 milhões de anos a.C. a 10.000 a.C. Deus ainda não foi parido, ele está em gestação no ventre de nosso medo.)
- Buscamos aplacar as forças da natureza, a manifestação da sua misteriosa vontade através de uma submissão reverencial. Ritos, sacrifícios, clamores, louvores... procuram agradar essas forças ocultas e incompreensíveis, tornando-as amenas e a nosso favor. Há um xamanismo primitivo. Inúmeros deuses povoam o imaginário de povos sedentários. O sol, a lua, a chuva, o vento... são divindades em si ou se mostram humanizadas por personagens que povoam mitologias ancestrais. (Neolítico - 10.000 a.C. a 3.000 a.C.)
- Surgem as primeiras manifestações do “eu”. Ainda incipientes, revelam-se através de desejos em realizar objetivos pessoais, para além da sobrevivência. Começamos a dar um rosto, um corpo a esta força misteriosa e cheia de caprichos, com a qual pudéssemos dialogar e pedir favores aos nossos anseios. Mais e mais os deuses se humanizam e fazem a ligação céu-terra. (Vale do Indo, Egito

Antigo, Crescente Fértil. Do sexto milênio ao terceiro milênio antes da nossa era.)

☉ Tamanho panteão e o caos se apresenta. Deuses brotavam conforme as incertezas humanas. Ao sul da Mesopotâmia constela uma reação à proliferação de divindades. Abraão – surge o monoteísmo e com ele um anseio de integrar os inúmeros atributos de Deus num corpo único. (Segundo milênio a.C.)

☉ Para melhor servir às nossas angústias e interesses, a edição de Deus se faz cada vez mais oportuna ao homem. Sua invenção histórica gera instituições que procuram legitimar sua autoridade e, reunindo o útil ao agradável, um cofre auspicioso aos interesses humanos une poder político ao “poder divino”. Concílios formam um Cristo útil à soberania do estado. (Do terceiro século da nossa era em diante.)

☉ Lutas, guerras, dualidades, moralismos, protecionismos, catequizações... trazem à tona uma crise da fé. Um conflito insustentável se apresenta: Igreja e Estado como representações de Deus *versus* a experiência direta em Deus por todo aquele que se abre ao Mistério. (Idade Média)

☉ Não demorou para que a Filosofia e a Ciência se insurgissem contra a “versão oficial” da igreja sobre a origem e natureza do homem. Agora, nem a Terra era o centro do universo nem Deus era imortal. (do séc. XV-XVI – Copérnico ao séc. XIX – Nietzsche.)

☉ Mais adiante o arquétipo salva Deus das mãos do homem, de um homem ávido pela segurança de seus interesses. De sua impotência factual Deus passa a nos servir de sua força simbólica. Agora podemos compreender um pouco mais do processo pelo qual passamos. Uma psicologia arquetípica nos dirá como personagens bíblicos representam etapas do processo de construção do humano. Esta psicologia profunda trará a possibilidade de reconciliação entre o psíquico e o espiritual. (séc. XX – C.G.Jung.)

☉ Deus é simbolizado e uma dada “*intelligensia*” vive um enlevo psico-espiritual, libertador de certas estruturas intermediadoras do sagrado. Dá-se o aprofundamento da crise: Fé arcaica *versus* Confiança no Plano Ontológico advindo da Consciência. (Psicologias transpessoais. Fins do séc. XX; início do XXI.)

☉ Movimentos religiosos reacionários procuram contrapor a crescente desilusão na credibilidade das instituições religiosas à progressiva necessidade de recuperar um Deus útil às inúmeras necessidades carenciais de seus fiéis. (Últimas décadas do séc. XX até os dias de hoje.)

☉ De um profundo cansaço espiritual emerge um anseio de nudez simbólica e projetiva. Despimo-nos dos aparatos intermediários e tornamo-nos campo onde as forças de luz e sombra operam a serviço do Pleroma. Surge uma vontade não representacional e não transferencial para com o Mistério. Deus deixa de ser útil

aos nossos medos e transforma-se em alimento tangível no processo de tornarmo-nos quem de fato somos. (séc. XXI)

☉ Então, a fé imatura, refém de um nanismo psíquico, transforma-se na confiança no Plano através da Consciência; a busca de proteção paternal transforma-se em conhecimento de si; a religião institucional transforma-se na ordenha simbólica do Agora pelo indivíduo amadurecido e a relação com Deus transforma-se numa vivência direta e co-autoral no Ato com o Mistério. (Contemporaneidade)

☉ Nasce o Homem. Enfim, o seu nascimento se consuma. Não mais como eterno filho, mas como humanamente divino, parceiro da eternidade na construção dos dias e seus matizes. (Os dois próximos milênios. A era de Aquário se cumpre.)

☉ Por suas etapas, este é o caminho pelo qual a ignorância, o medo e o desamparo conduzem o ser humano a uma fé imatura, destituída de amadurecimento emocional. E esta fé imatura, por sua vez, através da Consciência, leva-o à confiança no Plano que abrirá à Experiência em Deus. Aí vemos uma possível história da crença desenvolvendo-se e tornando-se saber experiencial, tornando-se, finalmente, Obra Humana.





## 2 A Mística do Ato

O Homem do Agora e o Processo de Presentificação

Ressoar-se Pleroma,  
Ressoar-se Instante,  
Ressoar-se Agora.  
Estruturação do “Homem Quatérnio”.

Seus quatro corpos:

- I - O Tangível:** dar conta das demandas do estômago, do bolso, dos instintos e demais fisicalidades.
- II - O Subjetivo:** amadurecer emocionalmente, procurar integrar conteúdos psíquicos inconscientes.
- III- O Cognitivo:** Elaborar novos sentidos. Resignificar-se a cada novo ciclo.
- IV- O Inefável:** Entregar-se em Consciência ao Corpo Ígneo do Instante.



## 2.1. Algumas Premissas

☉ Lutar o Bom Combate em plena aceitação do Trabalho convida-nos à *Festa do Mundo*. Adoração a imagens, ícones, objetos representacionais... devem ser vistos com cautela. Necessitamos de conhecimentos vivenciais que nos ajudem a estruturarmo-nos Indivíduos em partilha. O Poder está no *Evento Parido-Paridor* (que faz nascer enquanto nasce; que gera enquanto é gerado) e em nossa Presença no Ato.

☉ Recolher as projeções em Deus e sua Sombra. Desvitalizadoras são as projeções psicológicas que fazemos quando delegamos ao “objeto externo” o poder do “Sujeito que É” e vive em cada um de nós. Projeções que nos estacionam na condição de filhos carentes de proteção é nanismo espiritual. Assumirmo-nos potentes átomos que somos deste Grande e Único Corpo é a exata dimensão do Caminho de tornarmos-nos Indivíduos singularizados e, portanto, empáticos à dor do outro.

☉ Reconhecer nosso dia-a-dia como um corpo auto-regulador, onde a Justiça Imanente opera a cada momento, pois Deus é o que nos acontece.

☉ Simbolizar as Tradições Espirituais. Simbolizá-las é necessário. Factualizá-las ou representá-las são expedientes perigosos, pois podemos nos identificar com o “objeto representacional” e delegarmos o eros do Instante a parcialidades de tradições religiosas, a redutivas edições de Deus, enfim a outrem desqualificado.

☉ Tornar a Fé Discernida, amadurecida pela integração do Indivíduo, torna-se Plena Confiança no Plano. Plano de se “Ser Quem Se É”. Confiar no processo de transformar-se enquanto transforma-se o entorno demandante. A Vida é a manifestação do Pleroma em se exercer Perfeição aperfeiçoando-se em tudo e em todos.

Uma pessoa imatura psiquicamente, que não se fez íntima de sua subjetividade, busca uma religião para aplacar seu anseio de proteção, face às inseguranças que o mundo promove ou, na melhor das hipóteses, encontra, em seus ensinamentos simbólicos, valores arquetípicos inspiradores à Individuação. Mas é bom não nos esquecermos da força irresistível que a “hipnose da autoridade transferencial” pode exercer. Esta transferência de poder é perigosíssima à Vida. O escopo religioso tem sido um escudo para nos proteger da Experiência em Deus. O “sistema” agradece. Já uma pessoa madura, que estabelece um contato consciente na relação “ego-Ser”, não necessita de uma religião, posto que não há o que religar, pois nunca houve cisão de fato e, sim, uma ilusão, uma “ficção de separatividade”. Entendemos que a religião pode cindir, moralizar, infantilizar e terceirizar Deus, ainda que ajude os “auto-esquecidos” a terem alguma referência normativa.

Já o Ato Consciente individua. A Mística do Ato inspira e referencia uma estruturação de nossos corpos constitutivos, promovendo vivências limítrofes entre “a parte” que nos engendra um “eu ficcional” no mundo e “o Todo” que trespassa as inúmeras confluências do Real, do Agora, do Instante, do Eterno.

## 2.2. Ritos de Alinhamento, Recordação, Entrega e Deleite

**Alinhamento** Terra-Céu, Homem-Eternidade;  
**Recordação** da Natureza Pleromática do Agora;  
**Entrega** Consciente à Vontade do Fluxo;  
**Deleite** na Dança Milagrosa entre o Possível e a Vontade do Fluxo.

## 2.3. Olhares Possíveis Através das Frestas das Aparências

☉ **Dor:** É o humano sentimento que nos acomete quando certa situação que nos organiza um sentido de auto-reconhecimento, de segurança ou de desejo realizado nos é subtraída. A função da dor é nos potencializar.

☉ **Sofrimento:** É a dor que sentimos quando perdemos alguém que amamos ou frustramos objetivos desejados com os quais estávamos identificados. Sofremos muito quando ignoramos qual o sentido da dor. O sofrimento é facultativo e tem origem na nossa identificação com o “eu” e seus objetos de desejo que, uma vez ameaçados, geram-nos inúmeras dores.

☉ **Identificação:** Crença de que somos aquilo que pensamos e desejamos.

☉ **Eu (Ego):** Veículo Insubstante que demarca um “lugar discursivo” servindo de interface entre o mundo tangível

e o mundo das impressões. O “eu” é uma construção, como um barco, que nos ajuda a fazer uma travessia – a travessia da vida. Faz-nos também, sentir a útil e perigosa sensação de estarmos localizados. O “eu” no mundo é necessário, mas a nossa identificação com ele é o fundamento do sofrimento humano.

☉ **Identidade:** Confluência dinâmica de pulsões internas que nos traduzem momentaneamente no mundo como resultado comportamental da relação integrada “ego-Ser”.

☉ **Poder:** Núcleo de potência que demanda expressão.

☉ **Potência:** Confluência de conteúdos anímicos integrados ou “em vias de”, que nos latejam corpo.

☉ **Julgamento:** É o legítimo discernimento do olhar na relação “Evento-Eternidade”. O julgamento amadurece quanto mais consciente se é.

☉ **O Bem:** É quando estamos alinhados no prumo “ego-Ser”.

☉ **O Mal:** É quando perdemos a memória deste Prumo Imanente e agimos nesta “amnésia”. “Bem” e “mal” não existem “a priori”, dependem do contexto da situação.

☉ **Luz:** Substância Vida integrada “Parte-Todo”.

☉ **Sombra:** Substância Vida não integrada “Parte-Todo”.

☉ **Relação Luz-Sombra:** Embate paridor de Indivíduos.

☉ **Culpa Lúcida:** sentimento de pesar que a consciência nos aponta quando um ato do ego lesa o Ser gerando frutos que alimentam a cisão entre ambos.

☉ **Culpa Oportunista:** Quando geramos uma emoção atrofiante que tem por finalidade legitimar nossa paralisia diante de um acontecimento que tememos empreender e assumir suas decorrentes responsabilidades.

☉ **Medo:** sentimento que nos toma quando algo que foge ao nosso controle nos atravessa o caminho. O medo é paralisante se não temos ferramentas psicológicas para compreender sua natureza e integrá-lo e é produtivo, quando, tendo tais ferramentas, nos desafia a conhecê-lo e transformá-lo num produtivo parceiro de jornada. É na aliança com o medo que surge a coragem.

☉ **Liberação:** Catarse Consciente das “placas de amnésia cultural” que envolvem o Ser.

☉ **Ser:** “É *Aquilo Que É*” e nos constitui natureza. Organismo a-histórico, a-cultural, intangível, ou seja, o eterno que hospedamos em nós.

☉ **Escrituras Sagradas:** Sinais que o Natural imprime quando nos respira existência.

☉ **Devocionismo:** Ato de fé, onde uma projeção psicológica é depositada em uma pessoa, imagem, livro,

objeto... Fazendo com que o poder sêlfico do indivíduo seja transferido para outrem, como numa espécie de fuga deste lugar desconfortável que é a “ausência de si” e seus consequentes simulacros comportamentais.

☉ **Fé:** Substância que anima os céticos.

☉ **Confiança Plena:** Saber que o Plano nos opera Agora.

☉ **Devoto:** Indivíduo que vive em Confiança Plena.

☉ **Plano:** Tornar-se quem se *É*.

☉ **Paz:** Resultado da integração das partes em conflito. Paz não se busca, integra-se.

☉ **Amor:** É o verdadeiro Nome da Vida.

☉ **Mundo:** Campo onde a fricção “Ser-Estar” opera cultura e inspira a verticalização do humano.

☉ **Cultura:** Personalização de um fragmento do Pleroma territorializado em hábitos, tradições e costumes que traduzem um tipo de vida de um povo em uma dada época e lugar.

☉ **Sexo:** Expressão do incontido que há no Pleroma.

☉ **Sexo Catártico:** É o alívio quantitativo de tensões reprimidas, mal canalizadas.

⊗ **Sexualidade Consciente:** É o rito exuberante da Unidade.

⊗ **Compaixão:** É o sentimento natural do Indivíduo nutrido na relação “Ser-Estar” e sua vocação de partilha. É o profundo, sincero e espontâneo sentimento empático com aquilo que o “outro” está vivendo. A compaixão não pode ser uma decisão comportamental, ela é uma longa conquista do amadurecimento.

⊗ **Perdão:** Potente alavanca de recomeço que nos reinventa o ato quando sentimos a nossa falha com o prumo do Rumo. O perdão sincero nos traz de volta a vitalidade do humano.

⊗ **Ritos:** Atos de Retorno ao Lugar das Grandes Confluências.

⊗ **Conhecimento:** Saberes que nos recordam Presença.

⊗ **Desejo:** Legítima pulsão de vida que nos leva na direção de algo ou alguém que, aparentemente, nos falta e o correspondente usufruto dessa possível conquista.

⊗ **Pleroma:** O Corpo de Deus. O Instante. O Agora.

⊗ **Violência:** É o impulso que uma pessoa tem, quando da falta de seu “Sujeito Constituído”. É o revide que as frustrações imputam ao “eu destituído de “Sujeito”.

⊗ **Sujeito:** É o “rosto fidedigno” daquilo que se está conseguindo integrar na relação “ego-Ser”.

⊗ **Objeto:** É um “rosto indefinido”, manipulado segundo expectativas e interesses de terceiros.

⊗ **Felicidade:** É o singelo usufruto da honestidade no Bom Combate. É o usufruto do processo de Individuação. É a realização do prumo que habita os diversos humores.

⊗ **Individuação:** É o percurso da pessoa em tornar-se indivíduo (não dividido). Ao integrarmos conteúdos psíquicos sentimo-nos cada vez mais inteiros na relação ego-alma. Um estado de conciliação dos opostos onde a androgenia nos recorda natureza.

⊗ **Bom Combate:** É a luta que o Ser empreende ao ego para que este sirva a Vida.

⊗ **Vida:** É o Corpo Autoregulador dos eventos. É o nosso corpo de Deus manifestando Eternidade.

⊗ **Eventos:** Espelhos Autoreguladores.

⊗ **Eternidade:** É o Instante.

⊗ **Mortes:** São as inspirações do Pleroma a nos recolher em Seu Corpo de Mistérios; **Nascimentos** são Suas expirações a nos refazer existência.

⊗ **Mistério:** É a lógica transcognitiva do Instante.

⊗ **Guerra:** É o rito corrompido do Bom Combate.

- ⊗ **Arbítrio:** É a liberdade de escolhermos os caminhos que, obrigatoriamente, temos que percorrer.
- ⊗ **Leis dos homens:** Normas ordenadoras do convívio social.
- ⊗ **Leis da Vida:** Os Caminhos do Real no “Ir Vindo”.
- ⊗ **“Ir Vindo”:** A Jornada de se ir em sua própria direção.
- ⊗ **Deuses:** São atributos do Pleroma.
- ⊗ **Diabo:** É o obstáculo-friccional que potencializa à Presentificação no Caminho. É Deus atuando em seu avesso para que saltemos ao precipício do divino esquecido em nós.
- ⊗ **Hierarquias Intangíveis:** a) Conteúdos simbólicos das graduações do Corpo Evolutivo do Pleroma. b) Existências reais de entes balizadores das diversas instâncias do Pleroma.
- ⊗ **Presentificação:** É o Estado de Retorno ao Presente.
- ⊗ **Caminho:** É o Corpo da Lei respirando-nos Existência.
- ⊗ **Presente:** É toda a Vida confluindo Agora.
- ⊗ **Agora:** É o corpo de Deus.
- ⊗ **Deus:** É o que nos acontece. O Instante. O Pleroma.

O Agora.

- ⊗ **Gratidão:** Reconhecimento de que a Vida opera em cada fração de seu “corpo” para que nos tornemos quem somos.

**A** Perfeição é Agora. Precisamos lutar no aperfeiçoamento da Perfeição, como a estátua que esculpe a mão que esculpe a estátua. Somente um Indivíduo constituído na singularidade de seu “Sujeito” conseguirá reconhecer e viver o Agora. Aqueles que não são o seu próprio rosto necessitarão de algo ou alguém que os salvem de si próprios. Portanto, só se chega ao Agora integrando-se o passado, um longo passado. A Vivência da Mística do Ato será verdadeira quando a experiência de entregarmo-nos ao paradoxal enlevo que o Instante “É”, nos tomar Presença.

## 2.4. Fundamentos do Ato

- I - Conhecer-se a si mesmo
- II - Abrir-se a “fala do Mistério”
- III - Partilhar-se exemplo vivo no mundo à volta
- IV - Aquietar-se no exercício do Ato

## 2.5. Instrumentos de Chegada ao Presente

- I - Processo terapêutico
- II - Estudos do pensamento oriental-ocidental
- III - Consciência corporal
- IV - Meditação
- V - Observação do Natural



VI - Celebração no Ato

VII - E tudo o mais que facilite a Arqueologia do Ser

## 2.6. Alguma Estrutura de Convívio

☉ Lideranças naturais fundadas no mérito anímico são belas e auspiciosas. Não se deve institucionalizar líderes compulsórios, baseados em articulações políticas. Nem a democracia com “liberdade” aparente de voto, que escamoteia ardilosos interesses políticos manipuladores, nem autoritarismos desrespeitosos ao Indivíduo são balizas confiáveis. Há de se amadurecer na observância de seres mais sábios, mais maduros, mais equilibrados em suas ações. A meritocracia anímica é o justo parâmetro ancestral de se legitimar um lugar representativo de voz. Há de se amadurecer na anuência em lideranças naturais, firmes e flexíveis, onde discurso e prática se correspondem. Não há necessidade de sedes, edifícios ou endereços que nos exijam o consumo excessivo de energia em mantê-los economicamente viáveis. Assim como não há necessidade de igrejas, templos, mosteiros ou lugares privilegiadamente sagrados que representem a casa de Deus, posto que a casa do “*Ser Que É*” é Aqui e Agora e cada indivíduo e lugar são templos vivos do Instante. Todos os lugares são os lugares da Presentificação, embora Ágoras de convívio sejam bem vindas.

☉ A Natureza será sempre um campo fértil para encontros e ritos de Alinhamento, Recordação, Entrega e Deleite.

☉ Estruturar um *modus operandis* no mundo que nos cerca, com pessoas diferentes, visões diferentes, opiniões

diferentes requer a bússola da sabedoria, o prumo da ação sensível e prática. Não confundir este natural anseio com um desejo de institucionalização. As instituições, muito rapidamente, se transformam em lugares para “pessoas-objetos” que necessitam de regras para se manterem concentradas em seus objetivos. Em pouco tempo as leis, as normas, as regras, os dogmas, passam a ser mais importantes que os Indivíduos. As instituições têm se mostrado vampiros da alma.

☉ Não há imagens do Instante, do Agora, do Pleroma que possam ser idolatradas.

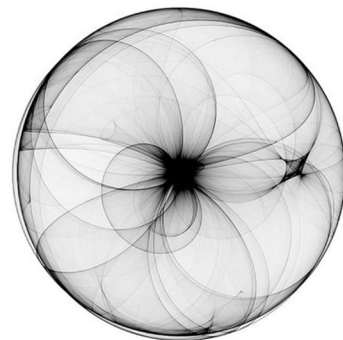
☉ Não há pecado original, há ignorância da natureza do Ser a operar-nos tecido tecendo. Quando o “eu” não serve ao Instante, todo o desvio se funda, todo o desassossego nos acolhe triste morada.

☉ Lembremos também de que “estar consciente” é diferente de “ser consciente”.

A identidade do Homem Contemporâneo é convergência móvel, intercessões dinâmicas, confluência de pulsões da Potência em Ser, onde “eus” autênticos e contumazes pedem território de expressão. Ser contemporâneo é tornar-se “campo friccional” entre os recursos imanentes que nos constituem e a necessidade de um ego estruturado, capaz de sustentar diálogo com essas vozes que nos povoam, às vezes paradoxais, às vezes complementares. Nosso verdadeiro rosto é a síntese integrada dessas falas vitalícias que nos impõem um nome e um lugar no mundo. Portanto, o Homem atualizado é aquele que morre às suas resistências ao plural e torna-se singular em sua pluralidade por isso livre, por isso amante.

Por fim e, de extrema importância, devemos lembrar que estas proposições não poderão virar uma religião, nem mesmo se entendermos religião como um corpo simbólico inspirador ao desenvolvimento do Ser e práticas que nos facilitem a religação da experiência em Deus. Tudo o que não precisamos é, através do medo, da culpa, do pecado, da submissão compulsória, da repetição de ritos destituídos de Inteligência arquetípica, tornarmo-nos filhos tementes a um deus que abandona a singularidade do indivíduo em detrimento das massas úteis aos objetivos institucionais e, portanto, usar a religião para protegermo-nos tanto de sua ira, quanto de seu gozo. Uma experiência pessoal, intransferível e partilhada com o em torno é o que aspiramos na relação com o sagrado,

posto que a Eternidade não tem a menor necessidade de religião. Tampouco pretendemos dar conta de compreender o mistério da vida, uma vez que a vida é para ser experienciada e não teorizada e também porque o nosso intelecto é demasiado limitado para tamanha vastidão. Para aqueles que vivenciam a inteligência anímica, lembramos que os dois próximos milênios da Era de Aquário serão do “Homem Nu” e não, das instituições.



É fundamental realçar que nós, da Terra de Rudá, estamos nessa busca – um projeto em constante construção. Busca em tornarmo-nos aquilo que somos. Busca em retornarmos ao nosso lugar: o Êxtase Esclarecido. Busca em que o nosso Ato seja a Mística do Ser que se fez mundo.

## Terra de Rudá

### Fundamentos

- 🌀 Psicologia
- 🌀 Espiritualidade
- 🌀 Arte
- 🌀 Filosofia

### Instrumentos

- 🌀 Meditação

Tornar-se flauta para o Sopro. Esvaziar-se para o Preenchimento.

- 🌀 Dinâmicas Terapêuticas

Encontros que mobilizem a integração de conteúdos psíquicos.

- 🌀 Retiros de Imersão no Ser

Vivências que nos conduzem a concentrar no Ser Que É.

- 🌀 Grupos de Estudo

Desenvolvimento pessoal através do aprofundamento em textos essenciais.

- 🌀 O Sagrado nas Tradições Ancestrais

Tradições Espirituais nos balizam o gesto a partir de um olhar simbólico.

- 🌀 Feminino Apropriado – Masculino Orientado

Chamando o masculino e o feminino às suas responsabilidades dhármicas.

- 🌀 Arte-Terapia

Bordando o pano enquanto se é bordado pelo Plano.

- 🌀 Dança

Despertando o corpo à sua potência templária.

- 🌀 Natureza

Deixando que o natural nos eduque o olhar.

- 🌀 Cultura e Arrebatamento

Vivendo o Pleroma nas Artes, Ciência, Filosofia e seus territórios.

### Equipe da Terra de Rudá

[www.terraderuda.org.br](http://www.terraderuda.org.br)

**Criação e digramação:** Sttudio Attila ([sttudioattila.com](http://sttudioattila.com))



